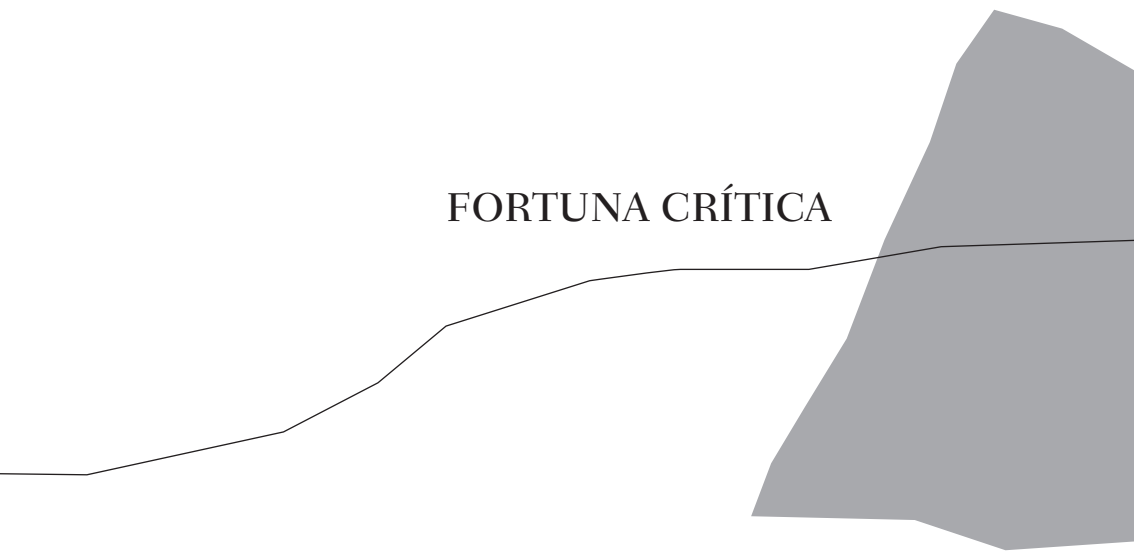


FORTUNA CRÍTICA



AS PALAVRAS COMO POUSADA DO SER³⁸

Donaldo Schüller

Os versos de Henriqueta Lisboa (*Pousada do ser*, Nova Fronteira, 1982) envolvem como um suave canto de sereias, insistente, irresistível e que, à maneira das homéricas, põe em risco a vida dos navegantes porque arranca os incautos do seguro andar cotidiano, sacudindo-os pelas bases.

A perigosa sedução abriga-se já no título. Que desejamos mais do que o conforto da pousada, carregada de nostálgica evocação de tempos menos competitivos do que os nossos? Se o título nos leva a sonhar com o repouso, este esfacela-se no poema de abertura. A poeta define a pousada como um contorno fluido sem piso, nem teto, nem esquadrias. Quem viu acenos do repouso, sofreu sedução de miragem. Como os horizontes, a bem-aventurança recua, deixando insaciada a sede.

Desde o primeiro contato, o título me evoca as reflexões de Heidegger sobre a palavra poética, apresentada como a casa do ser, sendo o poeta, em bucólica retenção, o seu pastor. Na vizinhança das considerações do filósofo, os versos de Henriqueta abrem-se como pousada. É neles que os entes se manifestam e a poeta, cultivando os versos, estende o afeto também às coisas que neles se abrigam. Mas pousada e casa não são o mesmo. A casa mostra o

38 In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, 21 de julho de 1984, n. 929, p. 10.

estável, a pousada desperta a inquietação da jornada. A inquietação ganha força com o piso, o teto e as esquadrias negados. Os versos de Henriqueta arrastam para a marcha, a historicidade, a falta de repouso. A menina tonta, que busca desatinadamente o arco-íris, converte-se em símbolo da espécie humana com a intensidade dos anseios. “ – Eu sonho por não poder / ter aquilo que mais quero: / quero aquilo que não tenho / ainda que não valha nada / por não poder alcançá-lo. / Se o pudesse não quisera / nem sonhara.” (p. 74).

Sendo assim, o homem só é concebível em movimento, arre-messado a sempre um mais além. O fim, entretanto, não o seduz ao ponto de anular o mundo como acontece na experiência mística. Henriqueta Lisboa lembra antes o navegador grego para quem a procura do lar dá ensejo ao desdobramento de um mundo fantástico e variado. O mundo comum por onde navegamos, nosso e dos outros, não permite que nos enclausuremos, pois que os objetos de nossa percepção são experimentados por outros. Os objetos que se entregam a todos os que os observam fazem os homens comungar, isto é, criam elos que ligam uns aos outros (p. 50).

As palavras, pousada do ser, armam-se poderosas, tecendo um universo verbal que inapelavelmente nos aprisiona. Elas não indicam apenas o que está além delas, o que se recolhe à ausência. Elas guardam cor e fragrância, amor e ódio em si mesmas. Elas sabem falar de si e por si. Subsistem como universo, mesmo que o universo exterior se aniquile ou se esconda (p. 25-27).

Já que a vida se compõe na trajetória e o bem que se busca recua para além dos horizontes, o sentido não apresenta a solidez das pedras. Ao orientar a vida, guarda a fragilidade dos tecidos prestes a romper: “O sentido da vida está por um fio” (p. 30).

O convívio com os seres não se processa em cândidas conjunções. O drama, desencadeado pela insegurança, espreita em todas as aproximações: “Século de assombro – este século. / De violência em progresso. / E os outros séculos? / Cada ser ao sentir o peso do mundo / não terá dito: século de assombro?” (p. 31).

Em que reside a força do lirismo de Henriqueta Lisboa? Precisamente no risco sedutor de que falamos no início. E nisto distingue-se o lirismo dela do lirismo epidérmico que se arrasta, em geral, pela poesia brasileira. Desde Casimiro de Abreu,

habitua-mo-nos a cultivar o fácil, mantendo-nos na obviedade dos lugares frequentados por todos. Procedendo assim, perdemo-nos a nós mesmos como também abandonamos à face do lobo as ovelhas que pastoreamos. Descaracterizamos o lirismo, quando o entendemos como o sentimento que anula todos os compromissos em benefício de uma entrega cega ao outro. Conhecemos muito bem, nos dias que correm, o malogro quando um tal lirismo afeta o mundo dos negócios. Mas esta, embora importante, não é a única área das nossas obrigações. Henriqueta sabe agarrar o homem inteiro. Continuamente ameaçados pela fragmentação, os versos de Henriqueta soam como uma chamada para a reaproximação no arriscado caminho que se estende em direção a nós mesmos, aos outros e aos demais seres que destruímos por termos esquecido o que significam.